



Jornais sem espaço para a cultura

Carlos Lúcio Gontijo



s índices de leitura são baixos e vão continuar assim por muito tempo no Brasil, caso nossas escolas permaneçam assentadas sobre as mesmas estruturas pedagógicas educacionais. Nossos grandes jornais, que deveriam usar a sua influência para exigir projeto educacional capaz de democratizar o ensino de boa qualidade e didaticamente montado sob o objetivo de atender, por meio de linguagem adequada, à totalidade de sua clientela, em vez de apenas 20% dela – o que explica o gigantesco número de repetência e evasão escolar –, não lidam bem com o assunto e nem conseguem demonstrar na prática a sua propalada preocupação com o ensino, apesar de serem hoje drasticamente prejudicados pela falta de hábito e gosto pela leitura predominante na população.

Metidos na visão estreita do corte de custos, os proprietários de mídia impressa resolvem extinguir o departamento de revisão, que na realidade funcionava como uma espécie de editoria final, livrando os jornais não apenas de muitos erros gramaticais e de ortografia, mas também de vários equívocos de informação. A esse procedimento podemos somar a arrogância dos meios de comunicação impressa (comportamento acompanhado pelos demais veículos) de se sentirem os donos da notícia, transformada por eles em simples questão de *marketing*, baseados unicamente no jogo comercial (e político) de seus interesses.

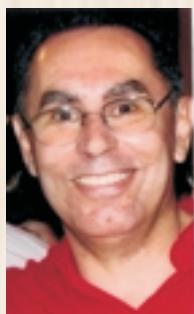
A verdade insofismável é que esse procedimento desprovido de compromisso com a boa informação vinha, há tempos, provocando queda no estoque de leitores, mas não era muito sentido no faturamento dos jornais, pois os anunciantes ainda viam neles a influência do passado. Daí então surgiu a internet tirando-lhes o monopólio da notícia, e eles, atravessando desmesurada crise de identidade, se nos apresentam despreparados para ser o contraponto, uma vez que a divulgação inserida nos espaços virtuais sofre com a falta de credibilidade, cobrando do leitor o exercício de constante filtragem.

No desespero, muitos jornais optaram por se transformar em tablóide, no qual é confundida a leveza jornalística com exposição de mulheres nuas, priorização sensacionalista da violência urbana em detrimento da análise e da opinião, dando origem a publicações que já chegam às ruas envelhecidas, ultrapassadas e sem qualquer atrativo.

Em suma, uma vez nas bancas, os tablóides coloridos têm curto período de procura e venda, além de ser transformados em papel de embrulho no primeiro correr de olhos do leitor. Ou seja, não há neles matéria a ser revista (se a ideia era fazer um produto impresso absolutamente descartável, acertaram em cheio e não têm do que reclamar).

Nosso falecido amigo jornalista Elias Maboub, que foi revisor por mais de 50 anos no mercado jornalístico de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, gostava de brincar conosco dizendo que “jornal sem revisão era a materialização do ato de fazer do erro a certeza do acerto...” Num ambiente assim, contrário ao prazer da leitura e ao indispensável momento de reflexão, tomados como fatores prejudiciais à moderna cultura de eventos e lazer, chega a ser ato de extrema ousadia a edição de livros no Brasil, onde são altos os custos gráficos, com a impressão se mantendo em patamares elevadíssimos, apesar de o governo ter retirado todos os impostos que incidiam sobre a produção literária, que pouco espaço tem nos jornais, onde a preocupação é tão-somente com as celebridades e os famosos, ainda que – exaustos, enfastiados e entediados –, nada tenham a nos dizer.

Carlos Lúcio Gontijo
Poeta, escritor e jornalista
www.carlosluciogontijo.jor.br



Carlos Lúcio Gontijo, jornalista, poeta e escritor, é autor de 13 livros. Foi supervisor de Revisão e editor de Opinião do Diário da Tarde. É cidadão honorário de Contagem, ex-presidente da Associação Mineira de Imprensa (AMI), membro da Academia de Letras do Brasil-Mariana (ALB-Mariana), da Academia de Letras de Teófilo Otoni (ALTO) da Academia Santantonense de Letras (ACADSAL) e do Movimento Poetas Del Mundo. Seu romance "Cabine 33" foi adotado em dois vestibulares da Faculdade de Administração de Santo Antônio do Monte (Fasam). No município de Santo Antônio do Monte, dá nome à biblioteca comunitária do bairro Flávio de Oliveira e do Instituto Maria Angélica de Castro (IMAC). Mantém site de livre acesso (www.carlosluciogontijo.jor.br), desde junho de 2005, no qual disponibiliza ao público toda sua obra literária (13 livros).

PRIVACIDADE

Carlos Lúcio Gontijo

Aonde vou levo minha casa
Minha intimidade está no outro
Perco privacidade se me esconde
Ela existe enquanto me revelo
Por autoestima velo o próximo
Como se cuidasse de mim mesmo
A amizade é joia de anjo
Arranjo divino para nossa sobrevivência



ILHA DA MADEIRA

FAHED DAHER- ®

Ai mares vastos, medonhos de cor ora verde ora azul, donde singraram os sonhos, donde partiu na conquista o nauta de longa vista, buscando terras do sul

Ai mares, mares do Tejo por onde a fibra e o desejo buscou no leste a riqueza e cravou na Ásia distante a bandeira triunfante D'El Rei e sua grandeza.

Portugal de sonhos tantos do fado, o vira , e os cantos e as bravuras de Camões; Da voz sonora de Amália, mar profundo de cabralia, mar de tantas emoções.

Atlântico mar é lindo, no teu horizonte infido busco, da vida, o mistério; E por mais que me aprofunde minha mente se confunde mergulhando em teu império

Ai mares, mares profundos donde partiu para os mundos ambicioso, o aventureiro. Encontrou terras no oeste com solo fértil e agreste e que se fez brasileiro.

06/09/2000
Na Ilha da Madeira (Portugal)
Elos Clube de Londrina
Academia de Letras de Londrina-
Centro de Letras do Paraná (Curitiba)

ORAÇÃO DOS CASAIS

Carlos Lúcio Gontijo

Meu bem, sei que Deus protege os casais
Semeia trigais de ternura na pele
Para que o amor sele as marcas da procura
Então, na hora em que a gente for dormir
Façamos jus aos cuidados do Senhor
Por favor, acenda-me quando apagar a luz!

www.carlosluciocontijo.jor.br

DUETO “O MEU PAÍS”

António Barroso & Carmo Vasconcelos

Amo um país à beira mar plantado,
Quero à bandeira tremulando ao vento,
E sinto, no peito, um calor sagrado,
Vendo o sol no azul do firmamento.

Quero ao seu verde campo iluminado,
Nos dourados trigais, meu pensamento
Vagueia feliz, sereno e repousado,
Como num mundo onde parasse o tempo.

E em cada papoila eu vejo, de novo,
O sangue sâo, vermelho, do seu povo,
Bater num coração que é ancestral.

Oh! País que nos tens a todos nós.
Oh! Pátria de meus pais e meus avós,
Teu nome faz a história: - Portugal!

*António Barroso (Tiago)
Paredes/Portugal*

Amo estas margens onde o mar se deita
E onde espargi de mel a tenra infância,
Terra cujo perfume me deleita,
E a cor aos olhos meus é cintilância.

Quero alçar-me às colinas da memória,
Aos castelos de sonho que a bordéjam,
Ser pedra testemunha de ida glória,
Sal eterno das ondas que a cortejam.

Para ver cada flor do seu jardim
Renascer num futuro promissor,
De seiva colorida ao tom do amor;

E cada coração ter do jasmim
A alva cor da igualdade fraternal,
A levantar do chão meu Portugal!

*Carmo Vasconcelos
Lisboa/Portugal*

FICHA TÉCNICA

Director

Victor Jerônimo
(Portugal/Brasil)

Directora Cultural

Carmo Vasconcelos
(Portugal)

Responsável pela Redacção

Mercêdes Pordeus (Brasil)

Design Gráfico e Composição

Victor Jerônimo

Nosso sítio

<http://www.eisfluencias.verbstrepitus.com/>

Contacto

eisfluencias@verbstrepitus.com

Conselho de Redacção

Abilio Pacheco (Brasil)
Humberto Rodrigues Neto (Brasil)
Luiz Gilberto de Barros (Brasil)
Marco Bastos (Brasil)
Petrônio de Souza Gonçalves (Brasil)
Rosa Pena (Brasil)

Correspondentes

Alemanha - António da Cunha Duarte Justo
Argentina - María Cristina Garay Andrade
Bielorrussia - Oleg Almeida
Brasil - Elizabeth Misciasci
Colômbia - Eugénio de Sá

Revista de eventos, actualidades, notícias culturais, político/sociais, e outras, mas sempre virada à diretriz cultural, nas suas várias facetas.

Propriedade de
Mercêdes Batista Pordeus Barroqueiro
Recife/PE/Brasil

Tiragem: 100 ex
Distribuição Gratuita

Divulgação via internet

Depósito legal
LEI DO DEPÓSITO LEGAL LEI N° 10.994, DE 14 DE DEZEMBRO DE 2004
Biblioteca Nacional
Brasil

ISNN 2177-5761

Drummond: o pescador de estrelas

por Petrônio Souza Gonçalves



Carlos Drummond de Andrade nasceu a 31 de outubro de 1902 em de Itabira do Mato Dentro, que depois se chamaria apenas Itabira, sem o belo pico do Cauê, filho do fazendeiro Carlos de Paula Andrade e de Dona Julieta Augusta Drummond de Andrade.

Em 1916 o jovem poeta veio para Belo Horizonte para estudar no Colégio Arnaldo, ficando lá por apenas 4 meses. Adoentando, foi forçado a voltar à terra natal, retornando para a jovem capital em 1920, quando a família, se mudara definitivamente da “cidade de ferro”. Especula-se que a mudança repentina da família de Drummond para Belo Horizonte deveu-se ao fato de que uma das irmãs de Carlos, Rosa Amélia, estaria namorando um irmão bastardo, Xicado, filho do coronel Carlos de Paula Andrade, que naquela época era dono de boa parte da pequena Itabira.

Como a mudança fora feita de maneira abrupta, a família se hospedou primeiramente no Hotel Internacional, mudando-se depois para a rua Silva Jardim, na Floresta. Para a bela casa que ficava defronte a Igreja da Floresta, Drummond compôs o poema “A casa sem raiz”, onde o modernista questionava a falta de história do imóvel. Está lá nas páginas do livro Boitempo III aquela maravilha de poema: “A casa não é mais de guarda-mor ou coronel./ Não é mais o Sobrado./ E já não é azul./ É uma casa entre outras./ O diminutivo alpendre/ Onde oleoso pintor pintou o pescador/ Pescando peixes

improváveis./ A casa tem degraus de mármore/ Mas lhe falta aquele som dos tabuões pisados de botas,/ Que repercute no Pará./ Os tambores do clã./ A casa é em outra cidade,/ Em diverso planeta onde somos, o quê?/ Numerais moradores./ .../ ...Aqui ninguém bate palmas./ Toca-se campainha./ As mãos batiam palmas diferentes./ A batida era alegre ou dramática/ Ou suplicante ou serena./ A campainha emite um timbre sem história.” Ao final do poema o poeta ainda questiona: “Silva Jardim, ou silvo em mim?”.

Na nova cidade Drummond começaria a escrever sua história, “subindo Bahia e descendo Floresta”. Depois das reuniões costumeiras do Grupo Estrela na Rua da Bahia, seja no Bar do Ponto, no Café Estrela, na Livraria Alves ou no Cine Odeon, Drummond voltava para casa colhendo poemas no céu polvilhado de estrelas. Desafiou a realidade do ar passeando por cima dos arcos do Viaduto Santa Tereza.

Contam que uma vez um guarda considerando a atitude do poeta como transgressora, deu-lhe voz de prisão, e ele lá de cima respondeu ao guarda: “se quiser me prender vai ter que vir até aqui”. O Guarda tirou os sapatos, as meias e tentou subir no arco. Mas como não sentia a poesia dos mundos paralelos, foi-se embora, fracassado no intento. Daí, imagino o poema que o Drummond não escreveu: “Subíamos o mesmo caminho,/ Ele com um peso nas costas/ Eu leve como passarinho...”.

Assim, como quem passa debaixo do arco-íris se encanta, o arco-íris figurativo do viaduto encantou o poeta, e outros que vieram depois dele passariam pelo mesmo “batismo literário” dos arcos do Santa Tereza, como: Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Murilo Rubião, Alphonsus Guimarães Filho, entre outros.

Com o casamento do poeta em 1925 com Dolores Dutra de Moraes e sua formatura em Farmácia pela Faculdade de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte, encerrava-se o primeiro ciclo poético de Drummond na Capital. Depois de formado, Drummond nunca exerceu sua profissão de farmacêutico.

Em 1926 o poeta muda-se para Itabira, para tentar manter a tradição fazendária viva na família. Mas, como poeta só sabe versar, abandonou a busca campesina, lecionando Português e Geografia no Ginásio Sul-Americano da cidade. Poucos meses depois Drummond estava de volta ao mesmo número da Rua Silva Jardim, 107, tendo a casa cedida pela família para o novo casal.

De volta a Belo Horizonte, Drummond passou a trabalhar como redator e redator-chefe do oficioso jornal “Diário de Minas”, formando com Afonso Arinos e João Alphonsus um reduto modernista na imprensa mineira. A ida de Drummond para o jornal foi uma indicação atendida pelo próprio presidente do Estado, Antônio Carlos, que solidarizou-se ao pedido do modernista Alberto Campos e seu irmão, Francisco Campos – secretário do Interior do governo Carlista. Drummond passaria ainda pela secretaria de Educação do Estado, redação do jornal “Minas Gerais”, redação da revista Brazil-Central – juntamente como os folclóricos Verdes, sendo eles: Juarez Felicíssimo, Enrique de Resende e Rosário Fusco, os Ases de Cataguases - e secretaria de Interior.

Em 1930, mais precisamente em 30 de abril, o poeta dava apenas uma pequena idéia ao que veio, lançando somente 500 exemplares do seu primeiro livro “Alguma Poesia”, com 54 poemas. Drummond ficou em Belo Horizonte até 1934, transferindo-se para o Rio de Janeiro a convite do novo ministro da Educação - o antigo amigo que conhecerá na época em que estudara no Colégio Arnaldo - Gustavo Capanema, como chefe de gabinete do Ministro. Lá, Drummond começaria uma nova fase na sua poesia, que pode ter sido inaugurada com o poema “Morro da Babilônia”.

Como Drummond acreditava que Minas não existia mais, ficou no Rio de Janeiro até ficar ‘encantando’. Infelizmente, “A casa sem raiz” onde morou o poeta pertenceu a uma Minas também sem raiz, que foi levada pelo vento da história para morar apenas em nossa memória e na saudade das coisas que não existem mais... E o pescador do poema, virou pescador de estrelas, no infinito.

Petrônio Souza Gonçalves é jornalista e escritor

www.petroniosouzagoncalves.blogspot.com



DEUS E NÓS

Ana Suzuki

Fico pasma quando as autoridades afirmam que só teremos um sistema de alerta daqui a quatro anos. Por que será que o Brasil tem tanta mania de grandeza? Em Jaguariúna, cidade que fica a uns 20 minutos daqui, houve enchente mas ninguém morreu. Porque o prefeito mandou a rádio anunciar o tempo todo que as águas do rio estavam subindo e porque ele mesmo pegou um megafone e saiu no seu carrinho, berrando pela cidade. As igrejas têm sinos, por que não batem? E mais - em situações de risco, até criança tem que andar com um apito pendurado no pescoço para que, em caso de soterramento, possam avisar que estão vivas e indicar mais ou menos onde estão. Há muitas medidas simples que podem minimizar as tragédias. Mas o povo, além de eleger as gangs, espera que Deus faça tudo. De que jeito Deus vai sintonizar-se com o povo, se o povo não estiver sintonizado com Deus? Só vejo o povo votando às cegas, preocupado com futebol, carnaval, compras, Copa, Olimpíadas, que são coisas boas e válidas, desde que ocupem o espaço certo na mente das pessoas. Igrejas? Oh sim, elas estão cheias. Mas cheias de gente que quer benefícios e mais benefícios para sua própria vida, ou porque tem medo de extinguir-se na morte e querem a salvação eterna.

Por outro lado, também vejo pessoas que dão o máximo de si não para conquistar isto ou aquilo, mas para manifestar a divindade que sabem habitar nelas. E a divindade age através delas, já que Deus não é um velho barbudo, que vai descer do céu e usar um megafone ou distribuir apitos. Ele se manifesta no Amor, porque esta é a sua essência.

“os cronistas são os espiões da vida”
Eugénio de Sá

Esta definição tem alguma razão de ser. A sua autora; a jornalista brasileira Nísia Andrade Silva, pensou-a com conhecimento de causa, pois ela caracteriza bem quem sabe observar, comentar e criticar, em termos sintéticos, os pormenores curiosos e/ou importantes do quotidiano da sociedade, nos múltiplos aspectos que a ela concernem. Esta qualidade torna quem a merece, credor do respeito e da admiração dos que à criação literária dedicam o seu carinho e a sua atenção. São esses os responsáveis por a crónica ter voltado a ser considerada uma vertente igualmente nobre desta arte maior da expressão do pensamento humano; a literatura.

- Está bem, mas que vem aqui fazer este tal Eugénio de Sá? - perguntareis vós, estimados e ilustres leitores.

- Pois que não se espere de mim grande coisa, a não ser um facto novo, uma memória ou outra daquelas que coleccionei ao longo dos meus tantos anos de vida, boa parte deles vividos nos mais belos recantos de Lisboa, e neles bebendo da vida que palpita nos seus mais castiços bairros e nesse mediano espaço oitocentista citadino, onde se cruza a austera e imponente teia pombalina, que do lado oriental está subordinado à imponência do castelo de S. Jorge, enquanto que do ocidental sobe mansamente para a colina do Chiado e do Carmo, o improvisado palco do episódio principal da Revolução dos Cravos, aquela que tudo prometeu aos portugueses e que, desgraçadamente, acabou por descambar num mar de frustrações para quantos nela acreditaram.

Hoje, as ruas da bela cidade-capital, bem como outras, um pouco por todo o lado deste país enganado e escarnecido, são as ruas da amargura para milhões de portugueses já descrentes seja no que for que se lhes diga, porque a sabedoria popular ensina que:

**“Quem por norma tem mentir/uma verdade não sente/
Sempre que fale verdade/todos lhe dizem que mente!”**

Que me seja perdoada esta expressão de revolta, mas concluí ser esta uma forma possível de me apresentar perante vós, como português e como amante da palavra escrita e verdadeira. Portanto, não me proponho ficcionar neste espaço, factos nem vivências, e, outrossim, procurarei contar com rigor e comentar com critério e justiça, usando de algumas faculdades que me foram outorgadas por um Deus em que acrediito.

E assim, a primeira crónica que vos apresento foi escrita há alguns meses, pouco tempo depois da minha chegada a Bogotá, a linda capital da Colômbia, um país com múltiplas realidades e culturas, onde os nossos vizinhos espanhóis deixaram as suas raízes, tal como por toda a América Central e do Sul, tal como nós as deixámos no Brasil e nas duas costas africanas.

Do que vi em terras de Vera Cruz, onde residi dois anos, e agora por cá, avulta um aspecto a um tempo interessante e assustador; o da visível necessidade de protecção - pessoal e dos respectivos haveres - que sentem sobretudo as classes média alta e alta, mas que também vai atingindo os restantes estratos da sociedade, e progredindo de sul para norte, à medida que se avolumam os problemas sociais dos países mais desenvolvidos, onde já existem muitos exemplos do que hoje vos trago.

As novas muralhas
Uma crónica de Eugénio de Sá

Ainda hoje nos deslumbram as construções defensivas medievais; os castelos, os fortés e os fortins, e outras, mais ou menos acasteladas, encimadas por ameias, rodeadas de fossos e com pontes levadiças. Muitas estão preservadas e são consideradas património mundial, para nosso merecido aplauso.

Face às acometidas guerreiras e invasoras desses tempos, esse era o sistema eleito, porque eficaz em termos defensivos. Ao toque dos vigias, as populações que viviam e laboravam nas imediações dessas construções, corriam a abrigar-se dos ataques sempre destrutivos dos exércitos conquistadores. Fica por perceber se a preocupação dos nobres que dominavam esses feudos acastelados e mandavam nos respectivos castelos, era defender a integridade física dos seus súbditos, por pura bondade (sorriso), ou garantir a sua principal fonte de receita: os impostos sobre o trabalho que, normalmente, correspondiam à apropriação de parte significativa dos bens produzidos para consumo ou comércio próprios, explorando as gentes, que dominavam, subjugavam e abusavam, a seu bel-prazer.

Não vou, obviamente, entrar na análise dos benefícios ou malefícios do feudalismo dominante à época, mas não quero deixar de assinalar, com uma nota de ironia, a necessidade que, nos nossos dias, os novos grupos dominantes têm de voltar a fazerem-se envolver por autênticas muralhas, também de natureza humana; os conhecidos guarda-costas, ou gorilas. Claro que estas novas muralhas não ameaçam já uma fritura do parceiro com azeite fervente, mas outra, a de uma descarga eléctrica de muitos vóltios, ou, pelo menos, a garantia de um precoce ataque de parkinson a quem se atreva a tomá-las de assalto. Afinal, perguntamo-nos: em que evoluiu o homem, que hoje, tal como há muitos séculos atrás, vive muralhado e caminha, ou faz-se transportar em carros blindados, e guardado por gente armada até aos dentes?

Conhecemos as causas, mormente as que se fundam na emergente e continuada movimentação das gentes famélicas do fustigado e explorado sul, a caminho dos invejados e “exploradores” países (antigamente) conhecidos por mais ricos e felizes, e que com a actual crise carecem de ser caracterizados de outra forma bem diferente.

Agora os “invasores” são outros, os que ameaçam conquistar novos e mais privilegiados espaços; esses que habitam os muceques africanos, as favelas brasileiras, as comunas de muitos países das américas do sul e central, e os que já alcançaram os bairros periféricos de todas as grandes cidades europeias, as do sub continente americano e as da própria América do Norte, onde já chegaram os dias de medo, como o prenuncia já o cortejo dos seus milhões de desempregados, sempre em crescendo. Afinal, o famoso “way of live” dos gringos mais não era do que uma gigantesca farsa, montada sobre uma montanha de créditos que acabaram inapelavelmente mal parados, um “way of live” que caiu como um baralho de cartas e vai deixando, aos poucos, exposta uma pobreza que o mundo desconhecia, num tecido social onde os espaços intercalares são cada vez mais estreitos.

Eugénio de Sá
Bogotá, Janeiro de 2011
<http://www.cantodapoesia.net/arquivos-ebooks/eugenio-de-sa-vontade-mente-emocao.exe>



A grandeza de amar

Eugénio de Sá

Nos mais ternos momentos, nos melhores;
 Quando se trocam háritos e beijos
 E as mãos irrequietas de desejos
 Não têm pouso certo para ficar,
 Quando o sangue sentimos fervilhar
 Nos estreitos abraços que trocamos,
 É tempo de nos dar a quem amamos
 Num esplendor (perturbado) de sentidos
 Em que a mistura dos nossos gemidos
 Engrandece e sublima o verbo amar.

Nesses ternos momentos, nos melhores;
 Quando a fusão dos corpos é total
 E o fulgor dos olhares é crucial
 Pra transmitir de nós ternura imensa,
 As almas brilham com uma luz intensa
 É então plena a glória dos amantes;
 Que o desejo é fugaz e em instantes
 Fica rendido às regras do desfecho
 Mas fazermos amor é só um trecho
 Do bonito romance que é amar.

Bogotá/Colômbia

Mondas da liberdade

Eugénio de Sá

Hoje é franco e liberto o verso do poeta
 Do vil grilhão, obscuro, da censura
 Mas é de relembrar que essa amargura
 Não vê da causa fim, por ser provecta.

Inda bem perto estão tempos aqueles
 Em que, hesitante, a pena se mostrava
 Porque a denúncia então periclitava
 Entre a justa expressão e o talho reles.

Folguemos no ditório à podridão
 Já que a democracia isso consente;
 Que não caiba ao poeta a omissão!
 Mas que se esteja alerta, firmemente
 Contra a possível torna de um foução
 Que venha pra mondar o que é excedente.

Bogotá/Colômbia



Manuel Eugénio Angeja de Sá, nome literário, **Eugénio de Sá**, nasceu em 1945, no típico Bairro da Ajuda, em Lisboa/Portugal. Lisboa está-lhe nas veias, tal como a literatura e a poesia, que sempre cativaram o seu espírito. Hábitos de leitura a que uma avó querida não foi alheia dotaram-no de vontade e gosto pelo conhecimento. O deslumbramento pela poesia chegou em 1968, trazida num livrinho que recebeu das mãos de José Saramago, então colaborador do Jornal A Capital, onde E.S. iniciou a sua actividade de comunicador a que se dedicou largos anos. Durante a sua estada de 2 anos no Brasil, como Vice-Presidente da AVPB, para além de Escritor, Cronista e Poeta, foi também Editor Literário. É Membro Efectivo da APP – Associação Portuguesa de Poetas e da AVBL – Academia Virtual Brasileira de Letras. Tem inúmeros trabalhos, entre prosa e verso, publicados na Net e vários E-Books, sendo o mais abrangente da sua obra, o constante do link acima mencionado. É o novo Correspondente Literário na Colômbia, para a Revista eisFluências.



Futebol Devoção

Abílio Pacheco

Política, futebol e religião não se discutem. Não se discutem!? Claro que sim. Só não é preciso brigar, tomar ar, ir as vias de fato... Mas um bom debate, por que não? Talvez sempre se diga isso desses três aspectos importantes de nossa vida social por causa do espaço que eles ocupam em nossos afetos ou por eles terem algo mais em comum.

Não consigo ver que religião abarque características do futebol ou da política, nem que política abarque rasgos próprios da religião e do futebol. Mas este sim, está cada vez mais próximo da política e mais ainda da religião. Não é à toa que termos como fiel, devoção, ídolo e outros do mesmo campo semântico costumem se apresentar em discursos do futebol. Em outro país da nossa AL, tem jogador sendo chamado de deus, existe igreja (igreja?), culto e muitos, muitos fiéis.

Uma prática comum no futebol moderno, a apresentação de um jogador recém contratado, é um dos ritos obrigatórios. Afinal, a chegada do craque faz aflorar verdadeiros e arraigados sentimentos messiânicos. Por isso, não deve ser novidade ao leitor as notícias de desfile em carro de bombeiros ou mesmo a formalização da chegada num encontro com a torcida com o jogador sendo alocado num palco montado na arquibancada em evento para 20 mil fiéis, fãs, torcedores...

Agora, dá cá esta palha!, vender tijolinho personalizado para arrecadar fundos para um centro de treinamento, isto sim, é uma novidade. Embora não seja muito distante de recursos próprios a algumas neo-pentecostais, no futebol ainda não tinha visto nada parecido. Sempre achei esse procedimento muito semelhante ao antigo caderninho de assinaturas (existe ainda?). Só que ampliado, amplificado, atribuindo ao assinante (ou comprador do tijolinho) mais benefícios devido ao valor agregado e praticamente invertendo a relação necessitado-benfeitor.

Afinal, não é o time que está precisando de você para a construção do CT ou coisa que o valha, mas você que está tendo o “privilegio” de participar do projeto (que só não é exclusivo, por estar sendo transmitido para todos os televisores ligados possíveis, mais internet) ou ainda, não é que o time (importante, não sei quantas vezes campeão) esteja precisando, ele apenas está sendo complacente com seus torcedores a ponto de oferecer esta possibilidade (por sinal um recurso de marketing bastante comum).

Não, não recrimino quem compre. Fiz apenas um pequeno exercício nesta crônica. Eu mesmo, só não vou pedir um tijolinho para mim, porque não é o meu time que está vendendo. Ora, nisso o futebol apresenta um grande diferencial: enquanto a mudança de denominação é quase uma constante no Brasil (quem sabe devido à criação de tantas novas igrejas) e a fidelidade partidária não segura político numa legenda nem à base de lei, no futebol cada um force por seu time até morrer.

Belém, 19 de janeiro de 2011.
 Abilio Pacheco, professor, escritor
<http://abiliopacheco.com.br/>

Maxim Górk

O Homem
(tradução de Oleg Almeida)

... Nas horas da fadiga de espírito – quando a memória ressuscita as sombras do passado e o coração volta a sentir seu frio, quando o pensamento, feito o impassível sol outoniço, ilumina o medonho caos do presente e gira, sinistro, por sobre a confusão cotidiana, incapaz de subir mais alto e voar para frente –, nas duras horas da fadiga de espírito, eu fico evocando a majestosa imagem do Homem.

Homem! Igual ao sol, nasce no meu peito e, todo luminoso, põe-se a marchar – para frente e para o alto! – o Homem tragicamente belo!

Eu vejo a altiva fronte e os olhos bravos e profundos dele, e nesses olhos, os raios do intrépido Pensamento, daquela nobre força que, nos momentos de cansaço, cria os deuses e, nas épocas de ânimo, acaba com eles.

Perdido no meio dos desertos universais; sozinho num palmo de terra a precipitar-se, com uma rapidez inconcebível, não se sabe aonde, ao fundo de um espaço imensurável; atormentado pela questão pungente – para que é que ele existe? – o Homem segue corajosamente o caminho de superação de todos os mistérios terrestres e celestiais: para frente e para o alto!

Ele vai, regando com sangue de coração seu árduo, solitário e orgulhoso caminho, e desse sangue quente faz as eternas flores da poesia; hábil, ele transforma o grito lúgubre de sua alma revoltada em música e suas práticas, em ciências; como o sol, cujos raios adornam, generosos, a terra, como uma estrela guia, ele vai – sempre para o alto e para frente! – e cada passo seu adorna a vida...

Armado apenas com a força do Pensamento que lembra ora um relâmpago ora uma espada friamente calma; ultrapassando de longe as pessoas e a própria vida, o livre e orgulhoso Homem vai – a sós com os enigmas da existência, sozinho na multidão de seus erros –, e todos eles oprimem e ferem seu coração, torturam-lhe a mente e pedem que os extermine, envergonhado.

Vai! No seu peito, bradam os instintos; qual um mendigo importuno a pedir esmola, não para de lamentar-se, abominável, o amor-próprio; os fios viscosos dos apegos envolvem, iguais à hera, o coração dele e bebem seu quente sangue, em altas vozes exigindo que ceda à sua força... Todas as emoções querem rendê-lo; tudo aspira a apoderar-se da sua alma.

E montes de variadas ninharias do dia a dia parecem lama e nojentos sapos no seu caminho.

Mas como os planetas circundam o sol, as obras do espírito criativo rodeiam o Homem: seu Amor sempre esfomeado; a Amizade que o segue de longe, coxeando; a Esperança que o antecede, cansada; eis o Ódio que, tomado de Cólera, faz tinirem os grilhões da paciência, e a Fé que fixa seus olhos escuros no rosto rebelde do Homem, a recebê-lo, serena, de braços abertos.

Ele conhece a todos na sua triste comitiva: as obras de seu espírito criativo são feias, imperfeitas e fracas!

Trajando os farrapos das obsoletas verdades, envenenadas por preconceitos, elas se arrastam, inimigas, atrás do Pensamento, mas não conseguem alcançá-lo, assim como o corvo não se equipara, levantando voo, à águia, e, contestando sua primazia, raramente se unem a ele numa chama potente e criadora.

E aí mesmo, a muda e misteriosa Morte, perpétua companheira do Homem, sempre pronta a beijá-lo no coração queimado pela sede de viver.

Ele conhece a todos na sua imortal comitiva e, para terminar, mais algo: a Loucura...

Alada, poderosa feito um turbilhão, ela o acompanha com seu olhar hostil e, ansiosa por meter o Pensamento na sua dança selvagem, inspira-o com sua força...

Mas só o Pensamento é amigo do Homem: o Homem nunca se separa dele; só as chamas do Pensamento é que iluminam os obstáculos no seu caminho, alumiam os enigmas da vida, a treva dos mistérios naturais e o caos obscuro no coração do Homem.

Livre amigo do Homem, o Pensamento passa seu olhar penetrante e arguto por toda a parte e, inclemente, ilumina tudo:

As artimanhas pérfidas e torpes do Amor, seu desejo de dominar o ser amado, anseio de humilhar e humilhar-se, e o semelhante vil da Sensualidade por trás dele; a impotência temerosa da Esperança e, por trás dela, sua irmã Mentira, pintada e ataviada Mentira sempre pronta a consolar – e enganar – todo o mundo com suas doces palavras.

No coração mole da Amizade, o Pensamento ilumina sua prudência interesseira, sua curiosidade cruel e oca, as manchas pútridas da inveja e nelas, germes da calúnia.

O Pensamento percebe a força do Ódio negro e sabe: uma vez livrado dos ferros, ele destruirá tudo na terra e nem um broto da justiça poupará!

Na Fé imóvel, o Pensamento ilumina a maldosa sede do poder ilimitado, que busca subjugar todos os sentimentos, e as garras ocultas do fanatismo, e a fraqueza das asas pesadas, e a cegueira dos olhos vazios dela.

Até com a Morte ele trava luta: depois de transformar o animal no Homem, depois de criar tantas divindades, doutrinas filosóficas, ciências – chaves dos enigmas mundiais – o imortal e livre Pensamento se vê contrário e adverso àquela força infecunda e, muitas vezes, estupidamente má.

A Morte, para ele, é um trapeiro – trapeiro que anda pelos fundos e põe no seu imundo saco o que estiver caduco, podre, inúteis restos, mas, vez por outra, furta, insolente, o que ainda é forte e saudável.

Impregnada de cheiros de podridão, coberta de horrores, impassível, informe, muda, a Morte enfrenta sempre o Homem, como um mistério negro e severo, e o Pensamento – criador e luminoso, feito o sol, cheio de audácia louca e de alta consciência de sua imortalidade – esmera-se em estudá-la.

Assim é que marcha o Homem insubmisso, atravessando a pavorosa treva dos mistérios existenciais: para frente e para o alto! Sempre para frente e para o alto!

(...)

Maxim Górk (Alexei Maxímovitch Pechkov) (1868-1936), famoso escritor russo e soviético, fundador do chamado *realismo socialista*. Principais obras: romances *A Mãe* (1907), *A casa dos Artamônov* (1925), *A vida de Klim Samquin* (4 vv., 1925-1936); peças de teatro *O submundo* (1902), *Os filhos do sol* (1905), *Os inimigos* (1906); trilogia autobiográfica *Infância*, *No mundo* e *Minhas universidades* (1913-1923).



AINDA SOBRE GAIA

Marco Bastos

Essas linhas originaram-se de um comentário que fiz ao poema de Sílvia Mendonça, no PEAPAZ, denominado Gaia – A Mãe Terra. O momento é de consternação e pasmo diante de recentes catástrofes climáticas no Brasil, Austrália e em algumas outras partes no Planeta..

Nós somos como somos porque nascemos onde nascemos. E além disso, nós somos como somos porque evoluímos nos harmonizando, como ser vivo, com o ambiente que nos cerca, condicionados, portanto, ao que é possível e necessário para sobreviver naquele ambiente. Nossos cromossomos carregam essa verdade, passando para os nascituros as características e condições resultantes da adaptação. **Organismo vivo que se adapta para poder receber do ambiente o que necessita para sobreviver.** Não acredito que haja outra morada para o ser humano, embora acredite que haja mais vida no Universo. Mas os seres de outras "terras" devem ser diferentes do que somos - podem respirar outros gases, suportar outras temperaturas, outras gravidades, outras pressões atmosféricas e ter outros órgãos e outros metabolismos, para promoverem trocas de outros materiais. Aquilo que para nós é nocivo e letal, para eles pode não ser. Na Terra há microorganismos aeróbicos e há também anaeróbicos, os que vivem onde não existe oxigênio. Mera adaptação. No entanto são necessários milhões de anos para ocorrerem mutações de adaptação e só o ser adaptado pode ter vida mais longa. **Se mudamos as condições físico-químicas ambientais, perdemos a condição de sobrevivência.** E não se trata de abstração ou poesia, muito embora a noção de Gaia tivesse sido filosófica, não empírica, e quase intuição poética - **O Homem é filho da Terra e pensar diferente é ingenuidade, irresponsabilidade e ignorância.** A troposfera, aquela região onde o homem, como é, pode existir é pouco espessa e só conseguimos sobreviver em uma faixa de aproximadamente 7 km o que equivale a apenas 0,12% do raio da Terra. Na vizinhança da Terra os Planetas são muito diferentes e não sobreviveremos em qualquer deles. Os outros sistemas solares são muito distantes, inalcançáveis para o homem. **E não há alternativas, ou cuidamos do nosso planeta ou desaparecemos como espécie.**

É preciso compreender que vivemos num ambiente físico limitado e que **a explosão demográfica e a mentalidade de consumo** que decorre do vazio do ser e da exacerbação do querer ter, estão delapidando os recursos do Planeta e produzindo desequilíbrios ambientais que podem ser irreversíveis.

Marco Bastos.
janeiro/2011.



O FLÂNEUR

Egnaldo Castelão e Marco Bastos

Em muitas formas do aprender, o “caminho se faz ao caminhar”. *Para o flâneur, a viagem é o seu método e o dispositivo de formação preferido – caminhante curioso, busca a realização pelo deslocamento, para experimentar novas paisagens, buscar contrastes e aprender olhando, passando, perguntando, experimentando, tocando, sentindo o gosto e ouvindo histórias.* O flâneur é fascinado pelo prazer em que se deixa levar em suas andanças, ao navegar pelas ruas-labirinto das cidades. É um observador nato, apaixonado pelo movimento ondulante das pessoas na multidão.

Perfeito divagador, o flâneur gosta das paisagens e da multidão, e com sutileza dá significado às criações técnico-artístico-culturais das cidades, espaço sagrado para suas andanças. Depara-se com suas contradições, sente a tensão, a indiferença da cidade e sozinho perambula entre os cidadãos, quaisquer que sejam.

O flâneur é o ser que vê o mundo de uma maneira particular, sem a pretensão de explicar, mas com a intenção de mostrar, levando a vida que viu para cada lugar por onde passa. Sua paixão é o mundo exterior, além de si; na rua encontra o seu refúgio, afasta-se momentânea e fisicamente de sua esfera privada e busca identificação e diferenças na sociedade em que convive.

Nas ruas das metrópoles, o flâneur observa que significativa parte das pessoas na sociedade atual é influenciada pelo sonho de consumo, pela excessiva valorização das opiniões nos relacionamentos interpessoais, e a multidão na cidade busca prazeres efêmeros. É um sujeito que contracena com cidadãos consumidores, tem uma vida boêmia e um prazer simples de tudo observar ao seu redor. Mas sua “boemia” não é a consciente relutância em aceitar a excessiva modelização das compreensões em face aos reducionismos tecnológicos e a estereotípica robotização da vida cronometrada que esgotam o mundo das possibilidades que há na pluralidade das realidades. Flânerie é libertação com relação ao tempo e re-imaginação do mundo, uma etnografia primordial imbricada em um mundo de cultura pós-moderna contrapondo-se a massificação e padronização mecanicistas da modernidade. Mas esses conceitos são objeto de estudo e compreensão exteriores à própria flânerie, pois o flâneur embora também produtor, não se detém nesses detalhes. São desafios para aqueles que constroem os caminhos da Educação, que a tudo pretende cooptar em suas “Disciplinas”, em um mundo onde as diferenças não mais pedem licença para entrar. Para o flâneur o mundo é a Escola.

Egnaldo Castelão e Marco Bastos.

Interpretação do personagem à luz do texto de Roberto Sidnei Macedo: O Flâneur e a Formação Caminhante e Curiosa.

Flâner: do francês = **passear, perambular, zanzar**

flâneur,-euse n+adj pessoa que passeia ociosamente.



SE UMA PEDRA CRESCEU

Marco Bastos

Ah! Quem sou eu para escrever um verso assim
como um Pessoa, mesmo que não seja o próprio Pessoa,
como também não sou eu o ópio de mim.

Quem seria eu para ser o autor de cantos
já cantados por quem já cantou seus cantos;
se cantos, recantos na alma os tenho,
como se fossem meus, e não vivo em lugar nenhum.

Quem sou eu para ser o reverso de mim,
se nos versos me estranho e quando chego ao fim
não sou o mesmo que começou a escrever ali no alto.

Quem sou eu para ser o coerente senhor que se repete
se a cada manhã olho o mundo de forma diferente,
e vezes me assusto, e outras vezes nem tanto.

Quem sou eu para ser parecido comigo
se a cada dia eu sou um ser diferente.
Parecido é quem se parece com quem não muda nunca.

Quem sou eu, inteiro ser, se às vezes me sinto
a metade de mim que eu não conhecia
ou que eu não sabia existir em minha mente.

Quem sou eu para ter permanência e limite
se a última fronteira está ali atrás,
só porque eu andava só,
e não vi nada riscado no chão que me dissesse: é aqui!...

Quem sou eu para escrever aqui esses versos
que contém uma poesia, mas não a minha poesia só,
se a poesia desses versos não fui eu só que a escrevi.

Eu nem escrevi nada ainda, porque eu nunca escrevo.

Eu sou só uma voz muda, uma pedra que cresce,
e às vezes sai por aí dizendo para outras pessoas
que as pedras crescem, rindo e chorando,
quando encontro quem fala que viu
- que uma pedra cresceu...

Marco Bastos

Poema contido no e-book POESIA BRUSCA (2005) e que contém
poemas do autor e de parceiros poetas, e fotografias de algumas
telas.

Para acessar, clique no link:
<http://recantodasletras.uol.com.br/e-livros/288816>
Salvador, 12/01/2011.

P profeta // sou na utopia // ...in.acabada, obra (2)
A braça a brasa, // ferro e graça // pedras na argamassa (5)
S obra ao fogo // sina im_piedosa pro_logos // - purificar a rosa (4)
S ou //...lava im.pura // ... epílogo (3)
A o rio // fogo frio, fumaça // nada; é da chuva a uva-passa. (1)

Marco Bastos (1) (4) (5)
Maria Luzia Fronteira (2) (3)

LETRIX em acrósticos de Maria Luzia Fronteira

G olpes a caneta //...despojo em vão //...aba que se abre
O poema //...é surdo // o corpo que jaz é mudo
L inhas flageladas // frágeis //...em água salina
P ântanos, mil // ...em mim // no prelúdio do tempo
E go // é paixão aberta // mão absorta
S eres // ...mágicos // secretos e trágicos...oh flores mortais.

* * * *

I ngreme // pálida //... oh, estátua nua... gelada
N ota // lânguida.. Tnte seca // des.codificada
G inete fina // e recurvada //...estrada
R umor //...oh mágoa afogada // em massa
E stro, nada //...corpo // extinção terrena
M orte //...esqueleto //...desmirrado
E nlaçada onda traçada //...sem distinção // ...Amén!

* * * *

T rindade divina // ...viçosa //...que sois
E strela apagada // oh perfil de ventos //...indecifráveis
R ios // mares // terras...oh liras // que sois
R amais frondosos // ramais de cinzas
A h...// lençóis de água // campos de girassóis...

* * * *

H umano // que humano és // ...poeta?
U m rio // um estio // ou um nada? ...NADA
M etáfora bordada // do tempo // ...esse que não apaga?
A onde andas // ... dor // que o sol não te avista ...aonde?
N u entre paredes // oh caiadas? // em que cores...luto?
O h // ... triste foste // triste és // e triste, serás ...poeta?

* * * *

O rlas batendo // redemoinho carcomendo // ...medo
H oje // ...e amanhã // medo em série // ...até do tempo

M edo dos in.fieis // medo dos pobres // ...e dos poderosos
E nredo... // medos dos vivos mortos // oh e dos mortos vivos
D os sábios e dos gênios // ...e dos estúpidos // ...e medo
O h // ...de tudo, tudo // ...e até de nada // ...medo.

Maria Luzia Fronteira

F ado ... // oh, primavera que se foi ...// voltará?
A rte rupestre // oh caverna contemporânea // ... dor
D or ... // refém no tempo aqui eu // ...abraçada ao corpo
O h recapítulo // ... dor // ... e o poeta que dirá...fim?

* * * *

P alavra, sobre palavra // poeta // ...és poema, ponto!
A lerta de antes // ...de agora // e depois // ... serás...nada
L adina // matriz sem matiz // ...aonde quer que navegueis
A mor em versos // sem tons // lenda aqui e daqui...dor? Oh!
V este // tam sem brio // oh mor ... em gerúndio
R io, poema aqui // ... remando // oh, e gemendo
A cordeão // definitiva.mente // oh...e morrendo!

Maria Luzia Fronteira

Maria Luzia Fronteira Trabalha no Estabelecimento Prisional do Funchal na área de reeducação e dá apoio aos Técnicos(as) de Reeducação. Tem um livro publicado (romance) com o nome: "Esmeralda a filha do Mar" na "Chiadoeditora" e outro de poesias que publicou no Brasil de nome: "De.lírios" ... Sua tendência é poesia melancólica. Também escreve no PEAPAZ – Poetas e Escritores do Amor e da Paz.

PENSAMENTO

Vigie seus pensamentos, porque eles se tornarão palavras;
Vigie suas palavras, pois elas se transformarão em actos;
Vigie seus actos, porque eles se tornarão seus hábitos;
Vigie seus hábitos, pois eles formarão seu carácter;
Vigie seu carácter, porque ele será o seu destino.

Poeta grego Teócrito (c. 310-250 a.C.)

A paciente

Maria Lindgren

A mulher acamada não parava de falar e de se mexer. Fazia os gestos habituais com as mãos espalmadas, frenéticas, o pensamento mais rápido do que as palavras a brotarem da voz rouquenha de tanto uso; a língua e os lábios sem encontrar espaço e tempo para uma articulação correta. Por milagre, o rosto pouco enrugado para uma senhora de mais de setenta anos franzia-se apenas da boca até o pescoço. A testa e as maçãs quase não se mexiam por bondade da natureza, não por placidez de personalidade. Ninguém entendia como suportara a dor lancinante do fêmur quebrado. Olha que osso dói! E, pior ainda, carregada nos braços por porteiro forte, depositada na cadeira de uma das últimas fileiras do teatro, conseguira assistir a peça até o final, sem mandar aviso às amigas, sentadas em poltronas das primeiras filas. Não queria interromper-lhes o prazer do espetáculo. Era mais afeta aos sentires da alma do que do corpo. Tinha sido sempre assim. Qualquer aborrecimento a torturava mais do que a morte de um parente. Dores corporais, que bobagem! O que lhe causava mal-estar mesmo eram as dores psicológicas jamais saradas. Sobretudo, os traumatismos da infância paparicada e da adolescência muito ao contrário.

Assim, o susto do tombo parecia ter afetado mais aos circundantes e às amigas do que a ela própria. Só a cabeça fervilhava, entremeada de pensamentos bobos e fragmentos da peça. Que lhe interessava o corpo quebrado, alquebrado, se teria que viver sozinha para sempre? Talvez enferma fosse melhor: uma ou outra amiga podia aparecer. Talvez no hospital o emaranhado mental se diluísse, a insônia cedesse e ela desmaiasse afinal, num sono reparador. Se é que teria de ser hospitalizada!

No leito precírurgico, a aflição da espera não a afetava. A fala escorría ininterrupta; idem, os gestos largos. Furos de veias para exames, mudança do soro, comadre para aliviar a urina... nem mereciam ui, quanto mais ai. À noite, o mesmo sono nenhum. O que, em hospital, em todo caso, passa despercebido, por comum. São incômodos, ruídos e barulhos: passos apressados, portas que se abrem ou fecham, macas que se arrastam, velcros puxados de aparelhos de pressão, visitas escandalosas, até tocador de flauta e rezadeira, últimas "bocas" do plano de saúde, juro.

Durante a cirurgia, apreensão dos amigos, calmaria da paciente. Pouco tempo de anestesia, muita morfina, nem vislumbre de dor. Tudo mais que normal.

No poscirúrgico, atordoamento leve, muita fala, primeiras confusões. Desabituada ao marcar de horas de sono, como gente comum, por mais que ela cerrasse olhos ao som de programas televisivos insípidos, nada. Cabeceava apenas. Comida nas horas habituais, absurdo total para rotinas inexistentes. Sempre na contramão dos seres humanos ditos normais, sem trabalho noturno que justificasse.

- Não tenho fome nunca! Quando me apetece, como alguma coisa boa, muito boa. Comida ruim não é comigo. Jamais antes da madrugada. Como é que posso tomar café, que detesto, almoçar, jantar e cear, afirmava aos gritos às enfermeiras e serventes de olhos arregalados.

Na primeira noite após a cirurgia de sucesso invejável – era uma fortaleza natural - debatia-se de tal forma que duas auxiliares de enfermagens, depois de esgotarem ponderações, amarraram-na às grades do leito. Não, por tortura ou procedimento psiquiátrico: por temor de um desastre pós-operatório.

Por dois dias, a paciente pelejou contra fantasmas e vivos. Em tom mais alto do que lhe permitia a rouquidão, exasperava-se com quantos lhe impusessem repouso às mãos e aos braços, exercícios fisioterápicos, comportamento dócil. Expulsou do quarto os pobres quasedoutores-quase-ginastas: horror declarado a mexer com músculos e articulações.

- Que mania idiota é essa de fazer ginástica! Pura moda.

Pudera! Jamais se afastava do sofá da sala, televisão ligada dia e noite, a não ser para necessidades cruciais, cineminhas freqüentes e eventuais teatros, quando os pés doídos aceitavam os sapatos de classe e lhe obedeciam as ordens.

No terceiro dia, a paciente teve alta. Correria geral: modernidade dos hospitais de hoje. Três dias no máximo, para "evitar infecção hospitalar". Empurram o doente para parente, quando pobre, ou enfermeiras particulares, quando abastado. Não importa o grau de enfermidade e sim, a vaga para mais um, em terra de ganância no setor-saúde privado.

Ninguém sabia por onde começar a retirada. Várias amigas ensaiaram levá-la para suas próprias casas. Estancaram o oferecimento, por razões múltiplas.

- Eu não posso de jeito nenhum. Moro em apart-hotel de dois quartos pequenos. Ela vai precisar de espaço para andar com o andador. Não dá.

- Eu tenho três quartos, mas um é para minha tralha de trabalho, que é demais, e os outros são minúsculos. Também não como em casa e eu mesma faço tudo.

- Eu tenho apartamento grande, mas minha vida é cheia de compromissos. Só tenho empregada três vezes por semana.

- Eu, nem pensar! Tenho filho doente, mas dinheiro, que é bom, neca! Só a porcaria da aposentadoria.

Jogo cruzado pelos ares, a paciente, no auge da lucidez, deu a última palavra:

- Chega!!! Ninguém precisa se preocupar. Dou um jeito. Vivo sozinha; fico sozinha.

Uma a uma, as amigas foram se retirando. Cabisbaixas. Decididas. Modernas.

Obs.: Este texto realmente aconteceu com minha irmã, portanto, é uma narrativa do real.

Maria Lindgren

Rio de Janeiro/Brasil

<http://marajoselindgren.blogspot.com>



Maria Lindgren é professora aposentada como assessora pedagógica da Secretaria de Estado de Educação em 2003, ano em que publicou seu primeiro livro de literatura: uma coleção de contos e crônicas, denominada *Uma Rolha na Lágrima*. Formada em Letras - Português e Inglês - pela UFF (Universidade Federal Fluminense) tem mestrado em Educação pela PUC-Rio. Publica em vários sites e portais da Internet, como Portal Vânia Diniz, Espaço Ecos, (também da Vânia Diniz) Portal Maytê, Cronópios- Literatura e arte no plural, Letras & Livros, Garganta da Serpente, Conexão Maringá, PD-Literatura, entre outros. Tem um segundo livro pronto, aguardando editora, e material para um terceiro livro.



EXCEPCIONAIS - CHICO E HEBE

Humberto Rodrigues Neto

Há uns 30 anos atrás, mais ou menos, ao tempo em que Hebe Camargo ainda trabalhava na TV Bandeirantes, teve ela a oportunidade de entrevistar Chico Xavier, já então bastante doente, num programa que calou fundo nas fibras mais sensíveis do meu coração.

Em dado momento, levanta a mão no auditório uma senhora de aspecto distinto, muito bem vestida, a demonstrar, por gestos e palavras, tratar-se de pessoa de elevado verniz social, a qual, depois de obter licença da apresentadora, dirigiu a Chico Xavier as seguintes palavras:

—Chico: nunca tive problemas financeiros, porquanto meu marido era fazendeiro de café no interior. Todavia, nunca tivemos empregados aos quais deixássemos ao desamparo, pois sempre os assistimos nas dificuldades monetárias, na assistência médica, no preparo escolar dos filhos e mesmo na ajuda para construírem ou melhorarem suas casinhas humildes. Já naquele tempo, eu poderia, se o quisesse, freqüentar as festas e encontros sociais da aristocracia local. Ao invés disso, porém, empregava o tempo com minhas amigas a fazer roupinhos ou enxovaizinhos de tricô para crianças pobres, atividades estas que ainda continuo exercendo aqui em São Paulo. Não obstante a prática constante de amor ao próximo, devo dizer-lhe que três dos meus quatro filhos são sadios, inteligentes, e estão muito bem situados na vida, sendo um deles Engenheiro, o outro Advogado, e o terceiro, uma filha, é Médica. Depois desses, quis o destino não tivesse, o quarto, a mesma sorte dos demais. É deficiente físico. Permanece sentado ou deitado o dia todo, com o olhar perdido não se sabe onde. Não tem controle sobre a emissão de fezes e urina, obrigando-nos a ingentes sacrifícios para atendermos ao imperativo de cuidar de sua higiene pessoal. Em resumo, é como se fora uma planta, um vegetal, totalmente desrido de quaisquer reações. Inúteis foram os esforços e o dinheiro despendido em tratamentos, de nada adiantando a luta empreendida, por mim e meu esposo, em busca de sua cura. Assim sendo, diante de um passado de inteira dedicação aos infelizes, pergunto a você: Por que razão Deus me deu um filho em condições tão precárias? — completou ela, sem poder esconder algumas lágrimas a correrem sobre a suave maquiagem do rosto.

Todos os olhares da platéia se fixaram na fisionomia cansada do médium de Uberaba, colocado, então, diante de uma interpelação de difícil resposta para um mortal comum. Chico Xavier baixou a cabeça, refletiu por alguns instantes, olhou comovido para ela e respondeu:

—A senhora é duplamente bem-aventurada. Primeiro, por ter sido agraciada por Deus com a benesse de ter gerado filhos, felicidade que não é concedida a todas as mulheres! Segundo, porque Deus não entregaria um ser tão desventurado a quem não soubesse cuidar dele!

* * * *

Se o primeiro pranto daquela mãe exprimia a mágoa de um destino inglório, as lágrimas que vieram depois deixavam extravasar o conforto de uma alegria interior que só as palavras daquele homem simples, doente e humilde, poderiam lhe oferecer.

ESCUTA, SABIÁ...

Humberto Rodrigues Neto

Quando foste àquela casa,
no ruclar de cada asa,
que é que foi que viste lá?
Viste alguém de lindo rosto,
que se traja com bom gosto,
não foi mesmo, sabiá?

Pousaste na laranjeira
que se ergue bem fronteira
com seu quarto de dormir?
Que tem ela mais que as outras,
que vês nela mais que noutras
no teu eterno ir-e-vir?

Desconfio, meu sabiá,
que o que te leva até lá
é algum secreto pendor...
pois és dela o menestrel
cuja boca anseia o mel
que flui de tão linda flor!

Mas não vás mais atrás dela,
nem voltes à sua janela
se queres conselhos sábios.
Desfaz os teus sonhos, pois
alguém já privou nós dois
da corola dos seus lábios!

S.Paulo/Brasil

É CARNAVAL!

Humberto Rodrigues Neto

Depois de se esfalfar o ano inteiro
o povo espera o mês de fevereiro
para as mágoas lavar no carnaval...

E é nessa transitória fantasia
que ele busca a ilusória anestesia
à dor sem cura de viver tão mal!

Em casa, na TV, na arquibancada,
extasia-se ao vibrar da batucada
e ao gingar das cabrochas na avenida!
Todo o desfile das escolas segue,
e de alma livre, já não se acha entregue
à corrosiva agrura desta vida!

Envolta em tais momescas terapias,
toda a platéia adere a tais folias
gingando aos pares, ou sem par algum!
E a bateria mescla os sons num só:
“telecoteço do borogodó...
balacobaco do ziriguidum”!

Mas chega a quarta-feira, e em tons ranzinhas...
do carnaval só restam plúmbeas cinzas
que a madrugada vai levando embora...
Só então a plebe vê, em falaz catarse,
que a farra foi um cômico disfarce
da máscara que a vida jogou fora!

S.Paulo/Brasil

AZUIS
Luiz Poeta

Luiz Gilberto de Barros – às 10 h e 27 min do dia 25 de abril de 2010 do Rio de Janeiro – ditado por Deus às 4 h da manhã - Terceiro Lugar no Concurso Interno realizado pela União Brasileira de Escritores em 27 de agosto de 2010 do Rio de Janeiro

Elas estavam nos lados opostos da rua.

Uma chamava-se Ruth; a outra, Carolina. Precisavam de um nome, entretanto a espontânea maneira como se miravam à distância de uns vinte metros dava-lhes uma especial identidade.

Não havia semáforos e os carros eram mecanicamente vorazes, mas as duas ignoravam suas velocidades: fitavam-se alheias aos flashes de cada veículo a oitenta quilômetros horários sobre a sedutora e lisa excitação do asfalto.

Os sorrisos tornaram-se reciprocamente simultâneos. O de oitenta e cinco anos nunca fora tão inocente; o de três, tão ávido. Ambos, cada qual com sua terna peculiaridade, eram uma agradável e afetuosa conversa sem palavras.

Ruth sorria para um nebuloso tempo do seu passado; Carolina, para um futuro longínquo, ambas magnetizadas pelo inusitado brilho de dois olhares profundamente azuis... azuladamente felizes.

Num átimo, depois que dois últimos carros cruzaram-se oportunamente, não titubearam: atravessaram logo a rua. Uma, vagarosamente apoiada na expressiva nudez de uma bengala de madeira; a outra, aos pulinhos, solta sob o vento realçando os movimentos do vestidinho rosa.

Encontraram-se quase no meio da estrada, sob os implacáveis raios de sol do mês de dezembro... afinal, precisavam de uma data para celebrar aquele momento pleno de embevecimento e excitação.

Não se conheciam, porém não havia necessidade de apresentação; os sorrisos cumprimentavam-se desde a primeira troca de olhares.

Pararam uma frente a outra, numa serenidade contemplativa de cujos azuis emanavam eternidades.

A menininha alongou a frágil mãozinha, puxando carinhosamente a idosa para o lado de onde viera. Era um retorno marcado por cuidadosa precaução, numa silenciosa e lírica perenidade de passos calculados.

Fundo o trajeto, num quase derradeiro sorriso de felicidade, retribuído por outro de agradecimento, Carolina simulou retornar.

A velhinha comprimiu sua mãozinha com suavidade, como que pedindo mudamente que aguardasse. A seguir, abriu uma antiga e rota bolsa que levava consigo, retirou dela uma frágil bonequinha de pano e entregou-a à menina.

O êxtase durou o tempo do embevecimento que eternizaria aquele sublime instante.

A inefável fisionomia de Carolina congregava todos os risos num único sorriso imediatamente correspondido.

Em reverência àquele lírico momento marcado pela leveza de gestos, os carros foram parando... um... a um... para que a menina de três anos avançasse levando, nos seus momentos mais azuis, a realização de um sonho tão grandioso e necessário como a sua aparentemente menor e mais expressiva atitude.

Carolina voava como um passarinho e nem o calor do asfalto incomodava a maciez dos seus pezinhos descalços.

Na mão, a bonequinha de pano parecia dizer adeus à úmida lágrima de Ruth, que deslizava afetuosa sobre o melhor dos seus silêncios e o mais sublime dos seus sorrisos... azuis.



MÃE LATINA

Luiz Poeta

Luiz Gilberto de Barros – às 15 h e 39 min do dia 6 de outubro de 2010 do Rio de Janeiro – durante o Conselho de Classe – Escola Evangelina Duarte Batista

Latinas solidões, quem as possui,
Vislumbra com seus olhos de poeta,
A turba inquieta que reflui
Da boca da canção mais incompleta.

Repleta de aflições, a multidão
Vagueia pelas ruas e vielas,
É nela que repousam corações,
Enquanto a solidão jaz dentro delas.

Janelas semi-abertas denunciam
O medo de um projétil repentino
Que afogue um sorriso de menino

Nas lágrimas de sal que acariciam
O rosto de uma triste mãe latina
Perplexa ante a dor que a assassina.

<http://www.luizpoeta.com/>

AQUELE HOMEM

Luiz Poeta

*Luiz Gilberto de Barros – às 2 h e 11 min do dia 6 de outubro de 2010 do Rio de Janeiro
- durante o Conselho de Classe da Escola Municipal Evangelina Duarte Batista*

Aquele homem que se arrasta pela rua,
Cambaleante, caminhando sem destino,
É um menino que sofreu na pele nua
A solidão de um velho dentro de um menino.

Aquele homem que caminha e gesticula,
Comunicando-se, sem interlocutor,
É um velhinho solitário que se anula,
Porque acumula coleções de desamor.

Como um de nós, aquele homem fantasia
A alegria de viver um tempo... ausente,
Mas indigente de alguma companhia,
Sua alegria é viver-se... impunemente.

Aquele homem é um pedaço do que somos
Ou que já fomos... sem ao menos perceber
Que se a vida é julgada pelos tomos,
Tudo que fomos é um livro a escrever.

Aquele homem solitário e indigente
E tão carente do afago de um irmão,
É uma parte que se solta tristemente
Da nossa mente e se dilui num coração.

Para sentirmos um pouco do que ele sinta,
Que não se minta sua dor e que se entenda
Que quando o sonho acaricia a alma da tinta,
Os nossos olhos se contentam com a venda.

<http://www.luizpoeta.com/>

Entre a Palavra e o Ato

Rosa Pena

Marina adorava o bisavô mesmo sem entender tudo que ele falava. Ele era um brincalhão, sempre bem-humorado. Gostava de conversar com as borboletas sobre o tempo de vida. Tinha intuído que só viveria por mais uns três meses. Mas, reclamar de quê quando seu resto era superior ao inteiro dessas maravilhosas asas coloridas?

Quando ele partiu sua avó ficou preocupada com a carinha triste da menina e lhe falou bem de mansinho:

— Deus precisava de alguém que entendesse a fala das borboletas.
A menina sorriu e a vida voltou pro seu rostinho.

Mês passado foi a vez do cachorro da família. Sua avó não parava de chorar e afirmar que perdera um filho, sim, era sim, pois ele estava com mais de quinze anos, três vezes a idade de Marina.

Ela olhou para a vovó e lhe falou bem de mansinho:

— Deus precisava de um cachorro para tomar conta do céu.

A avó ligou a TV caladinha. Dizer o quê?

A DOR EXTINTA

Milla Pereira

Dia virá em que não sentirei saudade,
Pois os teus braços, enfim me abraçarão.
E os meus lábios, sedentos, te beijarão
Como a curar minh'alma dessa enfermidade.

E dentro de minha vulnerabilidade
Libertarei minha voz da alienação.
Verei sangrar a dor - sem cicatrização
Para que se extinga nessa tempestade.

As chagas dessa saudade ainda abertas
Serão as portas de uma nova descoberta
Posto que a febre dessa paixão me destrói.

E cada noite findará este tormento
Verei o fim de todo o meu abatimento
Por tua ausência - que ainda me corrói!

São Paulo (Brasil)

<http://www.millapereira.prosaeverso.net/>

Inventário Inútil

Rosa Pena

Ficas com todas as cores, exceto o azul.

A terra, as matas, quase todas as flores, os frutos,
os animais, as nuvens, o sol, a lua, as estrelas.
Eu fico com o céu e o mar.

— Tem coisas que não têm como se separar?
Os peixes coloridos do fundo do oceano?
As asas das borboletas?

Podes vir apanhar e aproveitas para me levar.
Sou da cor da tua pele, mais ainda, sou ela.
Se cobre comigo novamente.
Tipo assim...Eternamente.

www.rosapena.com



Sou o que escrevo

Cecília Rodrigues

São palavras de inércia as que eu escrevo
São o que minh'alma sente e se lamenta
Em poesia delírio, sou seu servo
Nesta vida que às vezes me atormenta

Escrevo e alinhavo áureas sem dedal
No papel faço moldes que a alma inventa
Vagueio sobre as letras dou o meu aval
Tudo o que a pena dita, eu estou atenta.

Na poesia delírio um canto eterno
Palavras ao vento elevam meu ser
São tudo o que medito e o meu querer

Galgo estes passos com ar maternal
Em cada poema é um filho que nasceu
De um parto sem dor, que alguém escreveu

Viseu/Portugal
“Veleiro de Saudades”

Silêncio da tela

Cecília Rodrigues

De corpo franzino e com pé no chão,
É um peregrino na estrada da vida,
Ruma ao luar com migalha na mão.
Olhar distante e a estrada é tão comprida!

Busca em atalhos, respostas e pão
Tem fome de afecto, e segue a sua lida.
Segue um caminho cumprindo a missão
Tem frio no olhar, no Mundo guarida.

No silêncio da tela a sua voz brada,
Pequeno caçador seguindo a estrada,
Com olhar de esperança e alma abatida.

Na caça encontrou sua sobrevivência,
E o pintor tracejou sua inocência,
Com traços de dor, de criança sofrida.

Viseu/Portugal
<http://www.cecypoemas.com/>



NOTÍCIA



**(Da nossa correspondente em Buenos Aires-Argentina,
Maria Cristina Garay Andrade)**

Enero 21 de 2011, las letras argentinas se vistieron hoy de luto por la muerte de María Elena Walsh, creadora de entrañables personajes infantiles y autora de libros que acompañaron a varias generaciones de niños latinoamericanos.
Es una perdida irreparable para todos los argentinos y argentinas, además de dejar en nuestra literatura un espacio muy difícil de llenar.

Los Genios de tu calidad suelen ser escasos siempre para el mundo!!!
¿Quién no ha cantado alguna vez tus canciones María Elena?



María Elena Walsh
1930/2011

Centenares de personas, familiares, amigos y diversas personalidades del arte y la cultura asistieron a las exequias de María Elena Walsh, que se desarrollaron en la sede de SADAIC en la Capital Federal. Abuelos con sus nietos, padres con sus hijos, escritores, músicos, compositores, actores, intelectuales y dirigentes políticos se acercaron a despedirse de la genial compositora, que falleció a los 80 años, luego de una larga enfermedad terminal. María Elena Walsh fue la creadora de una de las canciones más queridas por los chicos y por los grandes: Manuelita. Esta canción recorrió el mundo, como el personaje, y forma parte del tesoro infantil que cada uno de nosotros tiene.

Síntesis de su autobiografía:

Nacida en Buenos Aires en 1930, Walsh fue una creadora precoz. Publicó su primer poema con 15 años y su primer libro, "Otoño Imperdonable", con 17. Hija de un trabajador ferroviario descendiente de ingleses y de una argentina de padres andaluces que influyeron definitivamente en su formación, Walsh afianzó su carrera con un viaje a Estados Unidos con el poeta español Juan Ramón Jiménez, que le ayudó a publicar su segundo libro, "Baladas con Ángel", en 1951. En 1952 comenzó una nueva etapa al exiliarse a París con su compatriota Leda Valladares, con quien formó el dúo "Leda y María" y grabó el disco "Le Chant du Monde" ("El canto del mundo"). De regreso en Argentina, el dúo grabó cuatro discos que lograron buena acogida entre el público infantil, igual que las dos obras que Walsh puso en escena, "Doña Disparate" y "Bambuco". Fue durante la década del 60, con una carrera en solitario, cuando se consagró con libros como "Zoo Loco" (1964), "El reino del revés" (1965), "Dailan Kifki" (1966) y "Cuentopos de Gulubú" (1966). En las décadas siguientes proliferaron sus publicaciones con personajes, como la famosa "Manuelita la tortuga", llevada con éxito a la gran pantalla en 1999 por el español radicado en Argentina Manuel García Ferré. "Creo que la gente sigue haciéndoles escuchar mis canciones a los chicos porque las consideran como una suerte de tesoro familiar", señaló la artista en 1997. Sus creaciones infantiles, desde "Manuelita" hasta "El Reino al revés", pasando por sus temas comprometidos, como "Serenata para la tierra de uno", se han convertido en clásicos para varias generaciones de latinoamericanos. Nombrada en 1985 Ciudadana Ilustre de la Ciudad de Buenos Aires y en 1990 Personalidad Ilustre de la Provincia de Buenos Aires, sus obras han trascendido fronteras y han sido traducidas al inglés, francés, italiano, sueco, hebreo, danés y guaraní.

Maria Cristina Garay Andrade
<http://mariacristinadesdemissilencios.blogspot.com/>

trabajos de María Elena Walsh
(vide) <http://www.youtube.com/watch?v=ncL497m2-B4>



**Crónica duma accidentada viagem ao café da esquina
que é o mesmo que dizer: Fui a penates beber uma bica.
António Barroso (Tiago)**

Era uma vez...

Ora bolas! Era uma vez... o tanas... Quem é que estou a tentar enganar?

É que esta crónica não se refere a nenhuma enfadonha história de fadas e duendes para adormecer criancinhas. O assunto é muito mais sério e profundo, digno de interesse académico. Trata-se de descrever a odisseia, sempre presente, duma complexa deslocação a paragens tão longínquas como à Avenida dos Maristas, na Parede - conhecem? Não!!! Santa ignorância! - Com todos os perigos inerentes e os obstáculos que, necessariamente, têm de ser ultrapassados. Tem muito que se lhe diga. Ufa!

Pois bem, tudo começou num dia qualquer deste mês, ou do mês anterior, já não me recordo - se bem que a data exacta seja pouco relevante, para o caso - numa manhã que resolvi situar sem chuva, para não ter de carregar com as respectivas coberturas. Se falasse numa manhã de nevoeiro, logo me apelidariam de monárquico por evocar D. Sebastião, o que, diga-se em abono da verdade, não me incomodaria, minimamente. Por isso, fica assente, era apenas uma manhã normal, como tantas outras, com o sol suficiente para secar a roupa no estendal das traseiras.

Comecei a aventura abrindo a porta de casa - não sei outra forma de sair pois não me assemelho a Houdini, nem possuo o poder da desmaterialização - na altura correcta, no sítio certo o no momento oportuno, como diria o meu amigo Toino da Buraca, típico e afamado cigano, empresário de roupas de marca, que exerce a sua actividade, todas as quintas feiras, na FIC - Feira Internacional de Carcavelos - empoleirado num exíguo estrado de madeira. Continuando, porém, logo ali, dei de caras com um pequeno saco de pano semi-aberto, parecendo conter artigos de limpeza, dois tapetes assentes no corrimão e, supostamente escovados, um balde de plástico com água ensaboadas, um encardido e esfarrapado pano do chão, uma longa esfregona de cabo encarnado e, na continuação desta, uma anafada senhora Maria, pessoa de farta palavra, afiada língua e não menos prolongada eloquência.

É-me possível descrever o cenário com tanto rigor, porque nele permaneci quinze longos e dolorosos minutos, ouvindo as primeiras notícias da manhã, as últimas da zona e as previsões para o resto do dia, sem ter sequer a oportunidade de soltar um comentário, uma exclamação, um suspiro, nada, e apoioando-me, alternadamente, apenas numa das pernas, que não têm a obrigação, sozinhas e por tanto tempo, de sustentar mais de cento e dez quilos bem pesados.

Assim que pude, desci um lanço de escadas e escapuli-me pela porta principal do edifício, cuja fechadura, para minha vergonha - anterior administrador - se encontra num impecável estado de conservação. Dantes, fechava umas vezes, outras não. Agora já não há intermitências, não fecha nunca.

Entrei, então, na linda, luxuosa, extensa e cosmopolita rua marginal, sobranceira à turística ribeira das Marianas, paradisíaco local que, salvaguardando embora as respectivas distâncias, nos faz lembrar Guanabara, Copacabana ou a Barra da Tijuca. Falta a vista do Corcovado ou do Cristo Rei, mas o que é isso que uma imaginação treinada e fértil não possa superar? É apenas uma questão perspectiva! Ou de tempo! Ou, até mesmo, de memória!

Porém, continuando, evitei cair num buraco do passeio, estratégicamente, colocado mesmo por debaixo da janela do meu vizinho, porque já estava precavido e à espera duma jovial brincadeira da Câmara - ou da Junta de Freguesia. Ai estes serviços públicos, e as suas maneiras simpáticas de desejar bom dia aos munícipes!

Estragam-nos com mimos!

As pedras arrancadas da calçada e que deveriam estar junto do local, em monte, para serem atiradas à cabeça do presidente, quando por aqui passasse, como retribuição e resposta ao passatempo, devem ter sido levadas por algum incivilizado para se compensar do IRS pago e calcetar o quintal, ou então para, primeiro, praticar com a sogra antes de entrar na brincadeira geral.

Pensando estar livre de armadilhas, acabei por pisar uma pastosa poia que parecia ter sido feita mesmo à medida do meu pé. Era difícil livrar-me daquele obstáculo porque outros havia à frente, atrás, dos lados, e com as formas mais inconcebíveis que imaginar se possa. Não fora a involuntária pisadela, que me fez vociferar raios e coriscos, e até teria ficado a contemplar os desenhos artísticos que forravam toda aquela parte do passeio. Agora comprehendo porque a todo este conjunto se costuma chamar calçada à portuguesa. É típico! Artisticamente, perfeito! E, sobretudo, turístico!

Olhando em meu redor, enchi-me de tristeza por ver que as obras de arranjo do jardim, tinham destruído uma pujante selva, sem ninguém se ater, minimamente, aos protestos dos ambientalistas na sua inglória e frustrante luta pela defesa da fauna existente. Destruiu-se o habitat da ratazana das Marianas e colocou-se em risco a sobrevivência da lagarta do pinheiro. Os insectos, esses, extinguiram-se quase por completo, num esquecimento imperdoável das andorinhas migrantes. Só espero que, para salvaguarda da natureza e do meio ambiente, o próximo número da National Geographic Magazine faça a denúncia pública desta situação.

No entanto, um pouco inexplicavelmente, as obras pararam ficando, como de costume, sem data prevista para continuação. Talvez seja melhor assim porque, por um lado obedece-se ao PEC e, no próximo ano, já com o défice orçamental devidamente controlado, poderão prosseguir os trabalhos urbanísticos que permitirão o sustento duns quantos romenos, cosovares ou ucranianos.

É a isto que se chama uma verdadeira visão conjunta do problema, ou um estruturado planeamento por objectivos, com aplicação de acções faseadas, numa tentativa de maior eficiência. Confesso, com humildade, que não sei bem o que isto significa, mas lá que é bonito, elevado e tem palavras bem-sonantes, não tenho a menor dúvida. E tenho que acreditar, porque é dito por vários gestores que ganham milhões...

Mais à frente, do meu lado direito, meio encobertos por alguns carros que ocupam metade da faixa de rodagem, encontram-se dois grandes caixotes para recolha do lixo que, de tão cheios, por expressa e inequívoca amabilidade do pessoal da torre adjacente, mais parecem enormes jarras repletas de flores. Em volta, espalhados pelo chão, dezenas de sacos de supermercados, transmitem ao local o bucolismo de autênticas cenas campestres, e aqueles que se encontram esventradados e apresentam os restos culinários de confecções esmeradas, perfumam o ambiente com os característicos odores da putridez dos ingredientes.

São tão agradáveis estes perfumes primaveris!...

Para além de tudo o mais, estas pequenas e assaz simpáticas estrumeiras domésticas, tão esmerada e, laboriosamente, construídas, são o encanto de qualquer gato que se preze, por todas as redondezas. E que dizer da muita pobreza que, não conhecendo o significado de crises, recessões, orçamentos, dívida pública, mas sabendo o que é fome e miséria, ali vão recolher alguns restos que outros desprezaram?

Como, hoje em dia, o conceito de museu deixou de ser um amontoado de velharias, para serem contempladas na obscuridade dum salão a cheirar a mofo, e se transformou numa dinâmica de complementariedade de conhecimentos, vemos, mais adiante, junto ao passeio, e com uns pneus tão lisos como a careca dum monge budista, um carro que já foi vermelho, em permanente exposição, indiferente ao sol, ao vento e à chuva, como se não o afectassem as inclemências atmosféricas. Os entrancados de ferrugem, na chapa podre, transmitem-lhe uma patine de antiguidade e moldam-lhe um desenho artístico, dignos de realce. Numa visita bem planeada, é obrigatório espreitar, no interior, restos de utensílios ou ferramentas, montes de revistas, quilos de trapos que já tiveram nome de vestuário, e pedaços de cadeiras. A exposição é gratuita e não dispõe de quaisquer receitas, pelo que está impedida de contratar um guia para visitas acompanhadas.

De repente, fujo dum carro que me tomou, apesar do volume do ventre, como pino de manobras arriscadas na prova de exibição, dum rally. Dado que levava os vidros das janelas fechados, talvez não se tenha apercebido dos doces nomes com que lhe mimoseei a mãe, de que, aliás, logo me arrependi, porque a senhora não tem culpa da forma displicente da condução do rebento.

Bem, já passei mais de metade do trajecto e, agora, é altura de ser cumprimentado pelos canídeos que, das respectivas varandas ou janelas, do lado esquerdo do percurso, me ladram obscenidades, com dentes arreganhados e focinho de grande ferocidade.

Aqui, abrindo um pouco o andar, tentando compará-los com os respectivos donos de quem - dizem - são o reflexo.



Será que, com um enérgico "Puff!" não meteriam todos eles os rabinhos entre as pernas e procurariam um abrigo seguro? Ainda me tentei a soltar o tal "Puff!", mas receei ser observado. Que diriam as pessoas, cruzando com um senhor circunspecto e ordeiro, verem-no, subitamente, com ar tresloucado, soltar aquelas exclamações?

Não que me importasse, mas convenhamos que era um bocado caricato!

Antes de chegar ao destino tenho ainda de passar pelo salão de beleza de senhoras que, como soe dizer-se, está permanentemente às moscas, motivo porque as cabeleireiras estão sempre cá fora fumando, conversando, telefonando, e eu... pensando... que era altura de ter menos quarenta anos...

A propósito de beleza, não resisto a contar aquela alentejana, mais velhinha que Matusalém, que quando a recordo, me faz rir sozinho.

- Atã mana, porque é que pintas os bêcos?

- Pra ficar mais bonita...

- Ah! Sim? - E porque é que na ficas?

E pronto, amigos, cheguei ao café.

Se estiver com disposição, da próxima vez, conto-vos o regresso.

António Barroso (Tiago)
Paredes/Portugal



António José Barradas Barroso, (**Tiago**) nasceu em 7/10/34, em Vila Viçosa, Portugal, terra de Florbela Espanca e de Henrique Pousão. Reside hoje na Paredes, na bela linha de Cascais. É Oficial do Exército (Coronel) reformado, e a sua alcunha “Tiago” veio-lhe desde a idade de 11 anos, como estudante nos Pupilos do Exército. Alcunha que adoptou como segundo nome, familiarmente e entre amigos, e com a qual assina todos os seus escritos. É cronista e poeta, mas é na poesia que mais se evidencia, especialmente na bela arte do soneto. É membro correspondente da Academia Cachoeirense de Letras, em Cachoeiro do Itapemirim/ES, e da AVSPE, e sócio do Grupo de Poetas Livres de Florianópolis e do Clube da Simpatia de Olhão.



O HOMEM E O UNIVERSO

Carmo Vasconcelos



Hermes Trimegistus

Desde a Antiguidade tem o homem contemplado o firmamento estrelado. Ele está sempre buscando entender o significado daquilo que vê. Ao tentar relacionar suas especulações e ideias com suas mais profundas aspirações e mais íntimas questões relativas à sua existência, o Homem se defronta com o Infinito que se lhe apresenta pelo céu afora. O Homem contemplativo sempre se sentiu profundamente atraído a buscar uma fonte de contínua inspiração e de prazer estético, erguendo os olhos para o céu. Não obstante, encontra real sabedoria ao descobrir correlações terrenas no esquema da Natureza e do Homem.

Os eventos que cercavam o homem primitivo devem ter-lhe proporcionado os estímulos para as suas primeiras especulações e investigações sobre a verdadeira natureza e o significado de todas as coisas do seu ambiente. Com suas primeiras indagações, começou o Homem a desejar Conhecimento. Observou, reflectiu, e claramente percebeu, mediante profundos “insights”, os processos da Criação – o desenvolvimento da Natureza, do Homem e do Universo.

Muitos escritores antigos referem-se ao Egito, e a civilizações ainda mais antigas e relativamente desconhecidas, como fontes dessas primárias investigações dos fenômenos universais. Por exemplo, o grego Filipe de Opunte escreveu que foram estrangeiros – egípcios e sírios – os primeiros observadores de eventos astronómicos. “Vivendo num mundo sem nuvens e sem chuvas”, esses povos antigos observaram todas as estrelas, no firmamento claro de seus belos desertos.

A antiga tradição do conhecimento e sabedoria do Egito é mencionada por Platão no seu livro “O Timeu”. É também neste livro que se encontram as bases dos conhecimentos que vieram posteriormente a desenvolver-se sobre a Atlântida, o continente desaparecido. Conta até que alguns Atlantes, pressentindo a catástrofe, se fizeram ao mar, vindo a aportar na terra que viria mais tarde a ser o Egito.

Não há personalidade eminentes, em todos os anais da História, sagrada ou profana, cujo protótipo não possa ser encontrado nas tradições meio fictícias e meio reais de antigas religiões e mitologias.

Assim como a estrela, bruxuleando a incomensurável distância da Terra, na ilimitada imensidão do firmamento, se reflecte nas águas serenas de um lago, também as imagens mentais de homens de eras antediluvianas se reflectem nos períodos que podemos abranger em retrospecto histórico. Contemplando o Universo, o homem da antiguidade esforçou-se por descobrir o seu lugar no complexo esquema cósmico, como fonte natural de ideias, inspirações, dúvidas e desejos. Sua contemplação, consequentemente, levou-o a procurar uma ligação entre a sua vida em geral e os seguintes processos: a sucessão das estações, desde o florescer dos campos na primavera; o fluxo e refluxo da natureza viva, com seus ciclos regulares de nascimento, crescimento, declínio e deterioração, para depois renascer. Havia uma simetria nesses processos regulares do céu e da Terra, que levou o Homem a conceitos como, harmonia, beleza, unidade na diversidade, e Lei Universal.

A repetição regular de eventos ajudou o Homem a lidar com o seu ambiente. O homem primitivo aprendeu a esperar, a ansiar pelo alvorocer enquanto sofria os terrores da noite, escura e fria. Sabia ele que o esperado alvorocer, com sua luz, dar-lhe-ia tempo para procurar um local menos frio e mais protegido para passar a noite seguinte, que certamente sobreviria, tão logo o Sol desaparecesse por detrás das colinas ocidentais. Em função de suas experiências diárias e de seus mais profundos pensamentos, concebeu o Homem a ideia da estreita relação entre sua vida e o ritmo geral do Universo.

Para os nossos ancestrais mais reflexivos, a vida parecia depender fortemente dos eventos que os rodeavam. Os sábios antigos reconheceram correspondências e começaram a acompanhar o curso da cíclica sucessão de eventos que ocorria em seu ambiente. Particularmente no Egito antigo, aperceberam-se os sábios da fundamental unidade existente entre o Homem e o Universo – entre o Microcosmo e o Macrocosmo. Esses sábios, seguidores de Thot ou Hermes(a), resumiram esta ideia numa concisa e poderosa declaração:

“Assim como em cima, é em baixo. Aquilo que já existiu, retornará.
Assim como no céu, é na Terra”



A filosofia de Hermes é sabiamente descrita (por três Iniciados anónimos) no livro “O Caibalion”

“O TODO É MENTE, O UNIVERSO É MENTAL.”

“AQUELE QUE COMPREENDE A VERDADE DA NATUREZA MENTAL DO UNIVERSO ESTÁ BEM AVANÇADO NO CAMINHO DO DOMÍNIO DAS LEIS NATURAIS.”

Sem esta chave, conforme afirma ainda O Caibalion,

“O DOMÍNIO É IMPOSSÍVEL, E TODO O BUSCADOR BATERÁ EM VÃO NAS PORTAS DO TEMPLO DO CONHECIMENTO.”

À medida que tentou estabelecer uma relação entre ele próprio e o Universo, criou o Homem as primeiras cosmogonias (b), maravilhosamente ricas em simbolismo e profundas visões. A partir do alvorocer do homem reflexivo, essas profundas ideias passaram a assumir formas particulares, segundo a cultura de cada época, através dos egípcios, dos órficos, dos gnósticos, dos gregos, ao longo da Idade Média, até ao presente. Em particular, a cosmogonia egípcia antiga contribuiu com algumas ideias ou concepções profundas, definitivas, levando a conhecimento sobre o Homem e o Universo.

Um dos mais profundos conceitos egípcios é a ideia de UNIDADE UNIVERSAL “o Deus de muitos nomes, que gera sua própria hierarquia de deuses (neters); o Absoluto, Pai dos pais, Mãe das mães, conjunto de tudo o que existe e de todos os seres”. Outros conceitos herdados do Egito são:

Uma cosmogonia concebida como transição de uma unidade caótica (Nun) e em trevas, para ordem e luz;

Uma visão do nexo, da afinidade universal que une todos os seres da natureza;

O conceito de inexorabilidade, ou lei que rege todas as coisas, e a concepção dessa lei como processo cíclico universal, que se completa no grande ano cósmico, com o retorno periódico de tudo;

A ideia do dualismo de corpo mortal e alma imortal, da preocupação com a vida eterna, do julgamento dos mortos, que está ligada ao desenvolvimento de requisitos éticos de justiça e perfeição moral.

E prossegue o desenvolvimento das ideias relativas ao Universo como um Todo. Esta pesquisa é tão válida e excitante hoje, como o foi na Antiguidade. Diferentes idiomas modificam suas expressões, assim como o fazem as imagens, os recursos e os conceitos de cada época, porém a motivação de buscar uma compreensão mais ampla e mais profunda do Universo é tão ardente hoje, como no passado. Trata-se, na verdade, da nossa maneira de ser como místicos. Além disso, o Homem está sempre redescobrindo a ideia de que, para que ele comprehenda o Universo, é necessário que conheça o universo do seu próprio âmago. É impossível compreendermos inteiramente algo que não esteja integrado à nossa própria estrutura, incorporado à nossa natureza física, ou que não faça parte dos nossos poderes subjectivos de pensamento e correspondente experiência.

Como corolário, pode dizer-se que o Homem comprehendeu desde as mais remotas épocas, que o caminho para se entender a si mesmo e ao Universo, ao microcosmo e ao macrocosmo, é um só:

“Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os Deuses”

lema em que Sócrates cifrou toda a sua vida de sábio. Inscrição esta que pode ler-se no portal de um Templo de Delfos, na Grécia, e que encerra uma grande verdade conhecida pelos mestres hermetistas. A verdade de que somos uma expressão individualizada e limitada do Universal, encerrando em nosso íntimo uma parcela da natureza de Deus. Como um microcosmo, reflectimos em proporção limitada aos nossos pensamentos e sentimentos, o poder criador Dele.

Meditando sobre esta profunda e perspicaz exortação, tentando experienciá-la, e lendo o livro da Natureza e o livro do Sagrado Conhecimento Interior – de acordo com a doutrina Panteísta (ou Panteísmo) que diz que “Deus está implícito em todas as coisas, inclusive em nós mesmos, como seres humanos” – pode o Homem evoluir, de modo verdadeiramente integral, científico e místico.

a) Referido a *Hermes Trimegistus* (o 3 vezes grande, 3 vezes sábio) que os egípcios elegeram como deus Thot
 b) Cosmogonias (do gr. Kósmos, universo + Gnosis, conhecimento) – designação das várias teorias que têm por objectivo explicar a formação do Mundo.

E como dizia o Poeta (anónimo) no seu poema “DESIDERATA-I”:

Tu és filho do Universo,
 irmão das estrelas e árvores,
 e nele tens teu lugar.

E a despeito do que penses,
 óbvia e inexoravelmente,
 o Universo prossegue seu destino.

(Conferência - seguida de debate - apresentada por Carmo Vasconcelos, em 13/01/2003, na Galeria Verney, em Oeiras, Portugal, a convite da Associação Portuguesa de Poetas.)

(Estudos adquiridos pela autora como estudante e membro da Ordem Rosacruz A.M.O.R.C.)

Carmo Vasconcelos

(Directora Cultural da eisFluências)

<http://carmovasconcelos.spaces.live.com>

“As autorias das obras aqui presentes são de inteira e exclusiva responsabilidade dos seus autores e dos colaboradores que no-las enviam para publicação, tal como a sua revisão literária. A aderência, ou não, ao Novo Acordo Ortográfico, fica também ao critério dos autores.”